

O LADO HUMANO DE MONTEIRO LOBATO

Marina de Andrade Procópio de Carvalho

Prefácio à obra de Monteiro Lobato
Prefácios e Entrevistas. São Paulo,
Brasiliense, 1948, p. IX-XVIII
(Obras Completas de Monteiro
Lobato. 1. série: Literatura Geral,
v. 13).

Certa tarde de viva palestra com vários amigos, entre eles um dos editores das "Obras Completas" de Monteiro Lobato, fui intimada a fazer um prefácio para o volume de *Prefácios e Entrevistas*, com a seguinte sugestão: "Queremos o Lobato humano, pois o Lobato literário já está muito esmerilhado. Fuja da literatura, procure pintá-lo em carne e osso".

Calei-me, e ao ouvir a palavra "osso" lembrei-me duma sua costela, cortada pelo Dr. Alípio e hoje no museuzinho da Biblioteca Infantil de Dona Lenira. O editor queria, evidentemente, pregar uma peça no grande escritor. Lobato prefaciado por uma mulher — e "uma mulher sem importância" . . . Sérgio Millet podia ver nisso uma espécie de vingança, ele que o acusou de distribuir prefácios memo a autores de segundo *team*.

Respondi vagamente, aproximei-me da janela e olhei para o céu. Pequenas nuvens boiavam caprichosas, mudando de forma e tamanho. Meu pensamento também boiou levado por aquela idéia. Lobato em carne e osso? Existe isso? Existiu algum dia? E se existe, que importância tem? Que significação poderá ter essa figura que transita pelas ruas, que entra nas livrarias, vai aos cinemas, reserva os fins de semana para os amigos do Chapadão ou de Valinhos; que não faz discursos e aborda os casos políticos com aquelas célebres cartas que, mesmo

personais, percorrem todo o país, de norte a sul, com a rapidez do relâmpago. . . Existirá esse Lobato?

Sim, existe, como razão material para que o seu espírito desça à terra e por cá perambule entre nós outros. Porque é o seu espírito que nos impressiona, interessa, nos diverte e deleita. O Lobato em carne e osso desaparece diante do Lobato espírito.

Durante muito tempo nunca me haviam impressionado detalhes materiais da vida de Monteiro Lobato. Lera os seus livros, os que escreveu para os adultos e os escritos para as crianças, e também os seus artigos, as suas cartas, as suas entrevistas e prefácios. Depois tive ocasião de conhecê-lo pessoalmente e travar relações com o homem em carne e osso, no suficiente para inteirar-me de suas opiniões mais em mangas de camisa sobre coisas, fatos e pessoas. E tudo quanto dele ouvi, gravado ficou em minha memória, fotograficamente — tanto me pareceu interessante, novo, singular. Vi que em carne e osso era tão vivo e novo e singular como em letra de forma.

Misturo todas as minhas impressões, as dadas pelos livros e as recebidas do contacto pessoal, e vou procurar retratá-lo como o editor das *Obras Completas* quer. Mas. . . para que isso, se na *Barca de Gleyre* temos o seu melhor e mais completo retrato? É um retrato a cores naturais, de corpo inteiro, munido de um alto-falante automático e infalível. Ter a "Barca" diante dos olhos é encarar o Lobato integral. Integral? Quase quase. . . Ali o vemos pequeno de estatura, moreno, falante, irrequieto, impertinente, pirracento, veneteiro, pilhérico, mordaz, caçoísta, irreverente, *blagueur*, estudante, fazendeiro, promotor, pintor, escritor, editor, homem de negócios, adido comercial, chefe de família, pai. . .

Nesse retrato, quase obra-prima, há um traço que não tem a mesma nitidez, um detalhe sem a mesma clareza das outras revelações. É aquele em que poderíamos aquilatar a sensibilidade sentimental de Monteiro Lobato. Sentimos, "apalpamos", a angústia que lhe provoca a notícia da morte de Ricardo Gonçalves e a dolorosa saudade que o acompanha por tanto tempo. Na última parte do livro, encontramos a carta em que fala da morte dos filhos.

A morte do amigo, envolvendo-o numa teia de dor e saudade, é a primeira ocorrência que nos revela um Lobato sofrendo na alma, parecendo sofrer quase em carne e osso. Um Lobato mais humano que aquele que vibrava espiritualmente a todos os contactos com idéias grandes e justas. Um Lobato que sofria. A perda dos filhos, muitos anos mais tarde, provoca um sentimento diverso. É o pesar dum homem evoluído, com o espírito já maduro, com a sensibilidade já amortecida pelos embates da vida, céptico, descrente de quase tudo. Esse espí-

rito lúcido, cultivado, provado, cantado, já, como que o previne contra a inutilidade do desespero e da revolta. Lobato sofre cerebralmente; a dor não lhe contamina mais que o cérebro, o qual lhe aponta a fatalidade dos destinos, a pequenez das preocupações humanas, o fútil e transitório das existências terrenas.

São esses, dois marcos sentimentais na vida agitada e ambulante do escritor. Dois marcos distanciados pelo espaço de muitos anos.

Na sua personalidade inconfundível, quase todas as características, fundamentalmente marcadas desde a mocidade, vêm se mantendo e acentuando pelo correr do tempo, antes de mais nada, independência, ânsia de liberdade — liberdade de espírito, de gestos, de movimento de ação. É e será sempre um libertário; nada o poderá prender. Será escravo apenas da veneta e dos caprichos de sua fantasia. Temperamento em extremo vibrátil, sujeito aos maiores exageros de entusiasmo, e admiração, de antipatias e birras, Lobato é de convívio agradável, por vezes ameno, quando entre amigos; um nada, entretanto, pode vir alterar tudo e determiná-lo a afastar-se inopinadamente, sem explicações.

Nunca mostrou tendências para festas e recepções nem pendor para "sofrer" homenagens. Cada vez mais as evita, foge delas como o diabo da cruz. Só faz as visitas que lhe agradam, isto é, as que lhe proporcionam boa prosa, boa mesa e "completa liberdade de ação espiritual e material". Tem muitos amigos, mas não tem *um amigo*. Ninguém poderá dizer quem é o *amigo* de Monteiro Lobato.

— E o Rangel?, perguntarão.

O Rangel é um amigo espiritual, epistolar — muito querido epistolarmen- te. Tanto que as cartas lhes bastavam. Passavam anos e anos sem se verem, e quando o mineiro vinha a S. Paulo, acontecia às vezes perda de endereço e lá voltava o Rangel para Minas sem se avistar com o amigo paulista. Prova de que o Lobato espiritual é muito mais fraterno que o Lobato de carne e osso.

Os seus amigos, na escrita, são inúmeros, e epistolarmen- te é ele duma fidelidade espantosa. Posso afirmar que Lobato epistológrafo é duma cortesia, duma galanteria para as suas leitoras, duma pontualidade e impecabilidade por certo insuspeitáveis num caboclo de estilo tão chucro, abrupto e incisivo com os marmanjos.

Talvez esteja eu em erro, mas só encontro ternura na vida de Monteiro Lobato a partir do momento em que começa a ser invadida pelas crianças. Crianças que vão sempre aumentando, cujo número vai sempre crescendo, qual ma-

ré que depois de arrebanhar todas as do Brasil, e de alcançar as da Argentina e de toda a América Espanhola, se dirige para a Itália e a América do Norte.

Pela primeira vez o libertário, o rebelde, o impertinente, o impaciente, o irascível, não procura libertar-se, não se rebela, não se irrita, nem se impacienta. Essa maré, esse turbilhão, essa avalanche, toda essa vibração infantil, domina uma força que sempre se mostrará indomável e se acreditava indomável: Monteiro Lobato. As crianças brasileiras adoram-no. Consideram-no "coisa sua". Escrevem-lhe em tom de comando. E como poderiam compreender que, depois de as servir com aqueles petiscos tão saborosos, e as habituar a contar sempre com ele, pudesse Lobato furtar-se às suas encomendas, às reclamações e até às admoestações e críticas? E Monteiro Lobato, que jamais se sujeitou senão à sua própria vontade e aos seus próprios desígnios, bondosamente se submete, gostosamente se deixa levar por elas. Quando o vi no Congresso Infantil cercado por aquele burburinho, tive a impressão de que caíra num formigueiro e ia ser devorado.

— "Lobato, você *assina* o meu livro?"

— "E me dá um seu retrato?"

— "Quando vai fazer mais livros?"

— "Por que não faz mais livros com os deuses da Grécia?"

— "Eu quero que escreva um livro *passado* no Amazonas".

— "Ah, se o senhor não responder à minha carta. . ."

— "Sabe o que eu quero? Uma costela sua também".

E ele vai respondendo, satisfazendo e atendendo a todos e a tudo, até que de repente ergue-se, toma o chapéu e declara: "Bem, por hoje basta. Até logo" — e acabou-se. Por aquela vez acabou-se a festa.

As manhãs ele as consagra à sua correspondência, sobretudo à infantil. E o carinho e o respeito que dedica à correspondência com as crianças toma um caráter ritual religioso. É um dever sagrado. Penso que tudo poderá acontecer a Lobato, menos deixar de responder a uma cartinha de criança. Elas constantemente lhe enviam pedidos de livros ou de pó de pirlimpimpim; ou fazem sugestões, reparos, críticas, etc. Pedem bolinhos de tia Nastácia, ou que faça a Emília comparecer a festas de aniversário. Também querem aparecer nos livros, tomar

parte nas aventuras com seus animais favoritos — o gato Manchinha ou o “meu cachorrinho Totó”. Criticam, e quase sempre com acerto, as ilustrações de Belmonte e outros desenhistas, pois exigem completa concordância com o texto. E todas desejam conhecê-lo, chegam a implorar-lhe “alguns minutos de atenção, em local, dia e hora que o senhor possa indicar”.

E é toda essa trama de interesse, curiosidade, entusiasmo, camaradagem e carinhos, tão espontâneos, tão vivos, tão constantes, que envolve, prende e subjuga aquele caboclo arredio, aquele jeca arisco e desconfiado, aquele tipo indomável, sempre pronto a rebelar-se contra tudo e contra todos e a mandar às favas todos e tudo.

Aquela sua norma tão sábia do “saber sentir, saber ver e saber dizer”, nunca ele a aplicou tão bem, com tanta perícia, como quando se dispôs a *sentir, ver e dizer* para as crianças. O poeta que havia nele nunca se revelou e se expandiu em poesia tão clara, tão livre e comunicativa, como no *Reino das Águas Claras* e no *O Picapau Amarelo*. E que não dariam todas as mulheres da terra para possuírem um dos vestidos que a costureira das fadas fez para Narizinho? Vale a pena recordar os adornos que completavam a toilette de baile.

“... um diadema de orvalho e braceletes de rubis-do-mar nos braços, e anéis de brilhantes-do-mar nos dedos, e fivelas de esmeraldas-do-mar nos sapatos, e uma grande rosa-do-mar no peito!”

Mas faltavam ainda os pós de borboleta!

“... o famoso pó Furta-Todas-as-Cores, de tanto brilho, parecia pó de céu-sem-nuvens misturado com pó de sol-que-acaba-de-nascer. Polvilhada com ele, a menina ficou tal qual um sonho dourado! Linda, linda, tão mais, mais linda, que o espelho foi arregalando os olhos, mais, mais, até que — *crak!* . . . rachou de alto a baixo em seis pedaços”.

O vestido de casamento tinha de ser ainda mais lindo, tinha de ser o máximo da lindeza — e vejamos se realmente foi ou não.

Era um vestido que não lembrava nenhum outro desses que aparecem nos figurinos. Feito de seda? Qual seda, nada! Feito só de cor — cor do mar! Em vez dos enfeites conhecidos — rendas, entremeios, fitas, bordados, plissés ou vidrilhos — era enfeitado com peixinhos do mar. Não de alguns peixinhos só mas de todos os peixinhos — os vermelhos, os azuis, os dourados, os de escamas furta-cor, os compridinhos, os roliços como bolas, os achatados, os de cauda bicudinha, os de olhos que parecem pedras preciosas, os de longos fios de barba move-

diços — todos, todos! . . . Alguns davam idéia de verdadeiras jóias vivas, como se feitos por um ourives que não tivesse dó de gastar os mais ricos diamantes e opalas e rubis e esmeraldas e pérolas e turmalinas da sua coleção. E esses peixinhos-jóias r ão estavam pregados no tecido, como os enfeites e aplicações que se usam na terra. Estavam vivinhos, nadando na cor-do-mar como se nadassem na água. De modo que o vestido variava sempre, e variava tão lindo, lindo, lindo, que a tontura de Narizinho apertou, e ela se pôs a chorar.

— É a vertigem da beleza! disse D. Aranha, etc., etc.”

E mais adiante:

“O mais lindo, era que o vestido não parava um só instante. Não parava de faiscar e brilhar, e piscar e furta-cor, porque os peixinhos não paravam de nadar nele, descrevendo as mais caprichosas curvas por entre as algas boiantes. As algas soltavam as suas cabeleiras verdes e os peixinhos brincavam de rodear os fios ondulantes, sem nunca esbarrar neles nem com a pontinha da cauda. De modo que tudo aquilo virava e mexia, e subia e descia, e corria e fugia, e nadava, e boiava, e pulava e dansava num movimento sem fim. . .”

E quando perguntaram a D. Aranha costureira quem fabricara aquele tecido tão lindo, ela respondeu:

- “Este tecido é feito pela fada Miragem.
- E com que a senhora corta?
- Com a tesoura da Imaginação.
- E com que agulha cose?
- Com a agulha da Fantasia.
- E com que linha?
- Com a linha do Sonho”.

Qual foi a heroína de verdade que Monteiro Lobato vestiu com esse adorável luxo de tecido, de côr, de talhe e de costura? E certo não foi para Cristina, ou Laura, ou qualquer outra das suas heroínas adultas, que ele descobriu a tesoura da Imaginação, a agulha da Fantasia e a linha do Sonho. Nenhuma delas figurou numa festa em que houvesse detalhes de ornamentação como estes:

“Em vez de lâmpadas, viam-se pendurados dos tetos buquês de raios-de-sol colhidos pela manhã. Flores em quantidade, trazidas e arrumadas pelos beija-flores. Tantas pérolas soltas pelo chão, que até se tornava difícil o andar. Não houve ostra que não trouxesse a sua pérola, para pendurá-la

num galhinho de coral ou jogá-la por ali como se fosse um cisco. E o que não era pérola era flor, e o que não era flor era madrepérola, e o que era pérola era flor, e o que não era flor era madrepérola, e o que não era madrepérola era rubi e esmeralda e ouro e diamante.

Nos volumes 10o. e 11o. dos *Doze Trabalhos de Hércules* encontram-se as descrições dos reinos de Nereu e de Cloris. Eu gostaria de as citar aqui, com receio de que os adultos não leiam a parte infantil das *Obras Completas*. Seria, porém, muito citar. Que as pessoas grandes não se privem desse prazer, pois além do gozo intelectual terão diante dos olhos dois magníficos exemplos do gênio poético do escritor.

Monteiro Lobato é unanimemente considerado um grande contista ou, se preferível um contista de grande mérito, um dos maiores do Brasil. É aclamado por todos os críticos como um grande escritor brasileiro, como um dos maiores escritores brasileiros; e por muitos, como o maior. Parece-me, entretanto, que a sua literatura infantil não foi até agora suficiente, condignamente, estudada e analisada. Excetuados alguns inteligentes artigos de Edgard Cavalheiro, não tenho notícia de estudos ou análises pormenorizadas de suas produções para crianças. Creio até que na Argentina está sendo mais estudado que aqui, mormente agora que lá se completa a publicação de toda a sua obra.

Na criação desse "Paraiso Encontrado" que é para a meninada o Sítio de Dona Benta, foi que o gênio de Monteiro Lobato descobriu o clima em que melhor iria florescer. A Imaginação, a Fantasia, o Sonho, o Capricho, a Veneta, a "Constância na Variedade" e mais todos os outros picantes ingredientes do seu peculiar talento, ali ganharam cor e força, favorecidos por uma atmosfera propícia, pela mais favorável das atmosferas. O Lobato das crianças é o Lobato verdadeiro, o que encontrou o seu habitat. É esse o maior e melhor Lobato. Ali naquele mundinho que ele criou para os pequenos e na *Barca de Gleyre* é que será possível, para os que o não conhecem em pessoa, descobri-lo em "carne e osso".

Os seus melhores retratos são *A Barca de Gleyre* e a Emília. Se me perguntassem qual dos dois prefiro, eu responderia como as crianças quando se sentem em apuros: "Prefiro mais os dois!" Assim como é difícil encontrar o coração de Monteiro Lobato, é difícil decidir se Emília tem ou não tem coração. Por muito tempo julguei que ela não tivesse nem isca de coração. Tinha, isso sim, um *cerebrozinho* tão atilado, tão *acertadamente ativo*, que até agia, quando preciso, à guisa de coração. Mas agora, nos *Trabalhos de Hércules*, Emília apresentou ao mundo uma "ameaça de coração". Quando depois da viagem à Grécia mostra as relíquias trazidas e Dona Benta lhe pergunta qual a que mais prezava, ela res-

ponde sem hesitação que eram as lágrimas de Hércules. Dona Benta quis saber onde as guardara, e Emília, batendo no peito, responde: — “Aqui, no meu coração”.

Foram estas as últimas palavras que o Monteiro Lobato mais “vivo” que eu conheço disse às crianças.

Foi esse coração escondido e tantas vezes mascarado que o impediu de negar prefácios. Parece certo que quase nunca os negou, mas é também certo que todos revelam a acuidade, a penetração, a observação fina do apresentador, em todos eles repontando sempre uma nota de ironia e humor.

Também nunca negou entrevistas, e por isso sempre foi perseguido pelos repórteres. Não ocorria fato sensacional na cidade ou no mundo que lá não disparassem eles a cata das impressões de Monteiro Lobato. E os jornais que davam as suas entrevistas corriam de mão em mão, disputadíssimos. “Leu o Lobato?” — “Viu o Lobato?” Toda gente queria “ler” ou “ver” o Lobato. E talvez ninguém, tanto quanto ele, em nosso país, falou sempre com tão absoluta franqueza, sobre tudo e sobre todos, em qualquer tempo e qualquer lugar. Não admira, pois, que suas entrevistas fossem sempre tão avidamente devoradas e tão acaloradamente discutidas. Serão sem dúvida gostosamente relidas.

Não faltarão aplausos aos Editores que em boa hora reuniram em volume as entrevistas e prefácios do nosso escritor, incluindo-se no conjunto das *Obras Completas*. Era realmente o meio de fazê-las completas.